

# NARRATIVAS DE MÃES E FILHOS SOBRE AS VIVÊNCIAS FAMILIARES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

*NARRATIVES OF MOTHERS AND CHILDREN ABOUT FAMILY EXPERIENCES DURING THE COVID-19 PANDEMIC*

*NARRATIVAS DE MADRES E HIJOS SOBRE EXPERIENCIAS FAMILIARES DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19*

*Raquel Alves Lucas* <sup>(1)</sup>

*Tania Mara Marques Granato* <sup>(2)</sup>

## RESUMO

A pandemia de Covid-19 apresentou desafios para as famílias que tiveram seu convívio afetado pelas medidas sanitárias de contenção da crise. Para compreender as vivências familiares, foi realizada uma pesquisa qualitativa psicanalítica cujo enquadre de entrevistas transicionais online foram iniciadas por uma narrativa interativa com sete mães e uma narrativa interativa gráfica com onze crianças, seguidas de uma reflexão sobre suas experiências. Após cada entrevista, foi realizado um registro associativo inicial que subsidiou a elaboração de narrativas transferenciais sobre a experiência vivida nos encontros. A análise interpretativa desse material resultou em dois campos de sentidos afetivo-emocionais, cada qual com dois subcampos. O primeiro campo, Invasões ambientais à família, e seus subcampos Medo, luto e adoecimento e Tudo junto e misturado apresentam os desafios enfrentados pelos participantes. O segundo campo, A família na linha de frente, com seus subcampos Unidos sobreviveremos e Desligando o piloto automático comunicam as estratégias utilizadas e as repercussões emocionais. Concluiu-se que a pandemia propiciou a expressão do potencial criativo familiar no enfrentamento das adversidades, bem como questionamentos sobre a rotina familiar e a própria concepção de maternidade. Além disso, conflitos familiares

---

<sup>(1)</sup> Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Psicóloga em clínica privada. Campinas, SP, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0003-2136-6776> — email: raquelalves03@gmail.com

<sup>(2)</sup> Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Professora pesquisadora (aposentada) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Psicóloga em clínica privada. Campinas, SP, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-2912-0693> — email: taniagranato@yahoo.com.br

anteriores foram reativados pelo isolamento. Tais achados poderão subsidiar práticas clínicas de cuidado às famílias.

*Palavras-chave:* relações familiares; maternidade; psicanálise; provisão ambiental (Winnicott).

#### ABSTRACT

The Covid-19 pandemic presented challenges for families whose coexistence was affected by the sanitary measures to contain the crisis. To understand family experiences, a psychoanalytic qualitative research was carried out with a framework of online transitional interviews that began with an interactive narrative with seven mothers and a graphic interactive narrative with eleven children, followed by a reflection on their experiences. After each interview, an initial associative record was prepared, which supported the elaboration of transference narratives about the experiences lived in the meetings. The interpretive analysis of this material resulted in two fields of affective-emotional meanings, each with two subfields. The first field, Environmental invasions on the family, and its subfields Fear, grief and illness and All together and mixed present the challenges faced by the participants. The second field, The family on the front line, with its subfields United we will survive and Turning off the autopilot communicate the strategies used and the emotional repercussions. It is concluded that the pandemic provided an opportunity for the expression of the family's creative potential in facing adversity, as well as questions about family routine and the very conception of motherhood. Furthermore, previous family conflicts were reactivated by the isolation. Such findings may support clinical practices for caring for families.

*Keywords:* family relations; motherhood; psychoanalysis; environmental provision (Winnicott).

#### RESUMEN

La pandemia del Covid-19 presentó retos para las familias cuya convivencia se vio afectada por las medidas sanitarias para contener la crisis. Para comprender las experiencias familiares, se realizó una investigación psicoanalítica cualitativa a través de entrevistas transicionales en línea, iniciadas por una narrativa interactiva con siete madres y una narrativa interactiva gráfica con once niños, seguida de una reflexión sobre sus experiencias. Después de cada entrevista, se realizó un registro asociativo inicial, que apoyó la elaboración de narrativas transferenciales sobre la experiencia vivida en los encuentros. El análisis interpretativo de este

material resultó en dos campos de significados afectivo-emocionales, cada uno con dos subcampos. El primero campo, Invasiones ambientales a la familia, y sus subcampos Miedo, duelo y enfermedad y Todo junto y mezclado, presentan los retos que enfrentan los participantes. El segundo campo, La familia en primera línea, con sus subcampos Unidos sobreviviremos y Apagando el piloto automático comunican las estrategias utilizadas y las repercusiones emocionales. Se concluyó que la pandemia brindó una oportunidad para la expresión del potencial creativo de la familia ante la adversidad, para cuestionar la rutina familiar y la concepción misma de la maternidad. Además, conflictos familiares previos se reactivaron por la situación de aislamiento. Estos hallazgos pueden respaldar las prácticas clínicas para el cuidado de las familias.

*Palabras clave:* relaciones familiares; maternidad; psicoanálisis; provisión ambiental (Winnicott).

## Introdução

A crise sanitária instaurada pelo surto do vírus SARS-CoV-2 no fim de 2019, que se tornou uma pandemia em março de 2020 (OPAS, s.d.), já é considerada a crise de maior dimensão em termos territoriais e responsável por uma crise humanitária com a morte de milhões de pessoas pela Covid-19 (Lima et al., 2020). Diante desse cenário, os países precisaram elaborar estratégias para proteger a população do risco do adoecimento e evitar o colapso dos sistemas de saúde, principalmente nos países em desenvolvimento. Uma das medidas adotadas para prevenir a contaminação em massa foi o isolamento social, que acarretou impactos sociais e/ou econômicos nas instituições, como o Estado, a escola, o trabalho, o sistema de saúde e a família, bem como impactos de ordem psicológica (Brooks et al., 2020; Cullen et al., 2020). Os impactos à saúde mental mostraram-se relacionados ao temor do contágio pela doença, ao luto pela morte de entes queridos, além das alterações radicais da rotina que impuseram novas formas para o viver cotidiano.

A pandemia de Covid-19 reconduziu os membros da família ao espaço doméstico, por tempo indeterminado, sob as regras do isolamento social, e devolveu ao lar a função de produção econômica, educacional e social (Fraudatario & Zaccaria, 2020). Esse movimento contrariou as conquistas sociais que oportunizaram aos membros da família contemporânea assumir novos papéis sociais, explorar as cidades e relacionamentos de maneira mais ampla, tendo a casa, portanto, a função quase que exclusiva de dormitório.

Com as medidas de isolamento social, a maioria das atividades sociais presenciais, tais como a escola, o trabalho, as atividades recreativas e religiosas, foram suspensas total ou parcialmente por tempo indeterminado à medida que se adotava a modalidade virtual como alternativa, quando possível (Lemos et al., 2020; Marmarosh et al., 2020). As empresas lançaram mão do regime de trabalho *home office* (Agência Brasil, 2020) enquanto as escolas se organizaram para aulas *online* (INEP, 2021), na medida de suas limitações dada a desigualdade social que caracteriza nosso país.

Nesse ambiente volátil, as famílias precisaram se organizar para uma nova realidade: a convivência familiar ininterrupta, a divisão do espaço e do tempo doméstico entre os membros da família, a restrição das redes de apoio formal e informal, com o distanciamento de amigos e familiares, a intensificação e acúmulo dos trabalhos domésticos, a sobreposição de funções profissionais, parentais e pedagógicas, o manejo de conteúdos e ferramentas digitais devido às aulas *online* e ao trabalho *home office*, a limitação de atividades e tradições familiares, dentre outros desafios. Segundo Cusinato et al. (2020) e Lian e Yoon (2020), todos esses fatores podem expor as famílias ao risco de sofrimento e adoecimento mental e têm o potencial de afetar a qualidade das relações familiares.

A forma como cada núcleo familiar enfrenta os desafios é singular e expressa os recursos internos e externos de que cada um dispõe em termos estruturais, econômicos, sociais, culturais e psíquicos (Aching & Granato, 2016), sendo também influenciada pelas configurações afetivas que sustentam cada arranjo familiar. De acordo com Lian e Yoon (2020), famílias socialmente vulneráveis ficaram mais expostas ao agravamento de suas condições de vida e ao risco de desintegração familiar durante a pandemia de Covid-19. Ao contrastar diferentes condições de sofrimento em mulheres, Carias et al. (2021) observaram, nos casos de vulnerabilidade preexistente, uma tendência ao agravamento dessas condições pelo confinamento familiar imposto pelas medidas de isolamento social.

Pesquisadores interessados em compreender o impacto da pandemia de Covid-19 nos núcleos familiares estudaram famílias ao redor do mundo, identificando consequências de diversas naturezas. Shibusawa et al. (2021), por exemplo, observaram que famílias japonesas tiveram alguns de seus rituais familiares comprometidos devido às restrições sociais. Alcalá et al. (2021), ao estudar famílias maias, discutiram como os aspectos culturais favoreceram ou não a adaptação de crianças e famílias ao isolamento social, enquanto I. M. Silva et al. (2020) estudaram o impacto socioeconômico da pandemia nas famílias brasileiras.

De acordo com Dorna (2021), os desafios enfrentados por famílias com crianças parecem ter sido acentuados, uma vez que a condição de isolamento social impediu a possibilidade do suporte das escolas e de outras figuras de cuidado. As crianças passaram a ficar mais tempo em casa, significando sobrecarga física e emocional para seus responsáveis, que tiveram que assumir além das atividades laborais, as que antes ficavam a cargo das pessoas e instituições que constituíam sua rede de apoio. Levando em conta o confinamento familiar a que as famílias se viram forçadas e a sobrecarga de trabalho imposta notadamente sobre a figura materna (Clark et al., 2021) durante a pandemia de Covid-19, buscamos compreender as vivências familiares a partir dos relatos de mães e filhos sobre sua experiência pessoal.

## Método

Para alcançar o objetivo deste trabalho, lançamos mão da pesquisa qualitativa, na medida em que possibilita a investigação em profundidade do fenômeno humano e a compreensão dos sentidos que estão arraigados às experiências a partir de uma relação intersubjetiva (Stake, 2011). Nesse modo de fazer pesquisa, também é levada em conta a subjetividade do pesquisador que, de maneira implicada, torna-se elemento participante da pesquisa em todas as suas etapas: no encontro com o participante, no registro e análise do material de pesquisa e na produção interpretativa dos sentidos (Stake, 2011). De acordo com Flick (2013) e Yin (2016), o pesquisador qualitativo precisa adotar uma postura de abertura e flexibilidade para poder compreender e interpretar o fenômeno estudado para além da lógica causa-efeito, como se daria nas pesquisas quantitativas.

Como opção metodológica, fizemos uso da psicanálise como método (Herrmann, 2017), isto é, em sua vertente investigativa para a compreensão da lógica inconsciente de produção dos sentidos afetivo-emocionais que animam a experiência humana. No âmbito da intersubjetividade que é acionada pelo encontro entre pesquisador e participante, o enquadre psicanalítico que inclui o manejo das condições externas e da escuta sensível do pesquisador opera na constituição de um ambiente propício para a expressão emocional do participante.

Granato et al. (2011) encontraram em Winnicott (1962/2022) um interlocutor privilegiado para o uso de recursos narrativos facilitadores do compartilhamento e elaboração psíquica de experiências vividas pelos participantes de

pesquisas psicanalíticas, tais como as Narrativas Interativas. Explorando o lúdico e o ficcional, fazendo uso de recursos mediadores verbais e não verbais (Visintin, 2021), buscamos potencializar o diálogo entre mundo interno e externo, permitindo que os participantes exponham seus conflitos de maneira indireta e gradual. Além disso, para a compreensão das experiências vividas pelos participantes deste estudo, no cenário de crise imposto pela pandemia de Covid-19, nos valem das concepções winnicottianas que focalizam o papel do ambiente na promoção do desenvolvimento emocional e na manutenção da continuidade existencial de indivíduos e famílias.

### ***Procedimentos***

A pesquisa foi realizada durante o período de pandemia da Covid-19, quando se preconizavam o distanciamento e o isolamento social como medidas de proteção. Assim, as entrevistas foram realizadas integralmente no formato *online* e seguiram as orientações para procedimentos em pesquisa em ambiente virtual elaboradas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Ministério da Saúde, 2021).

Para a concretização deste estudo, os participantes foram selecionados a partir da indicação de pessoas da rede de conhecimento da pesquisadora, via grupos de WhatsApp. Como todas as pessoas indicadas eram mulheres, o convite para a entrevista foi estendido a sua família no contato inicial realizado por WhatsApp e reforçado, posteriormente, em contato telefônico. Não foram apresentadas justificativas para a ausência dos pais, o que foi compreendido como recusa ou impossibilidade de participar.

As entrevistas foram realizadas entre março e maio de 2021. Participaram do estudo sete mães e onze crianças com idades entre cinco e dez anos, cujas mães passaram a trabalhar na modalidade *home office* durante a pandemia de Covid-19. Devido à situação de pandemia, todas as famílias optaram pela modalidade de entrevista *on-line*. Antes de cada entrevista, foi dada a liberdade para mães e filhos escolherem realizar as entrevistas de maneira individual ou conjunta. Todos os participantes preferiram o enquadre de entrevista coletiva. Cada entrevista teve duração média de 1h30min. Por se tratar de uma entrevista que explora questões subjetivas do viver humano, a amostra foi por conveniência sendo que, ao atingir o número de sete famílias entrevistadas, achamos conveniente interromper, entendendo que o material produzido era suficiente para explorar em profundidade as vivências familiares. A seguir apresentamos, na Tabela 1, as características sociodemográficas dos participantes.

**Tabela 1 — Caracterização dos participantes segundo idade, escolaridade, profissão e renda**

Participante	Idade (anos)	Escolaridade	Profissão/cargo	Organização	Renda familiar
Alessa (mãe)	43	Doutorado	Professora	Privada	de 6 a 9 s.m.
Ana (filha)	9	Ensino fundamental 4º ano	Estudante	Privada	
Betina (mãe)	37	Superior completo	Advogada	Autônoma	
Brenda (filha)	9	Ensino fundamental 4º ano	Estudante	Pública	mais de 9 s.m.
Bernardo (filho)	5	Educação infantil	Estudante	Pública	
Carolina (mãe)	30	Superior completo	Professora	Privada	de 6 a 9 s.m.
Camila (filha)	8	Ensino fundamental 3º ano	Estudante	Privada	
Daria (mãe)	42	Superior completo	Administradora	Autônoma	de 6 a 9 s.m.
Daiane (filha)	7	Ensino fundamental 2º ano	Estudante	Privada	
Elisa (mãe)	38	Superior completo	Gerente de compras	Privada	mais de 9 s.m.
Elena (filha)	6	Educação infantil	Estudante	Pública	
Fátima (mãe)	39	Pós-graduação	Administradora	Privada	
Flávia (filha)	9	Ensino fundamental 4º ano	Estudante	Privada	de 6 a 9 s.m.
Felipe (filho)	6	Ensino fundamental 1º ano	Estudante	Privada	
Girlene (mãe)	39	Ensino médio	Assistente Administrativo	Autônoma	
Gustavo (filho)	10	Ensino fundamental 5º ano	Estudante	Privada	mais de 9 s.m.
Gabriela (filha)	8	Ensino fundamental 3º ano	Estudante	Privada	
Giovana (filha)	5	Educação infantil	Estudante	Privada	

**Nota:** s.m.: salários-mínimos.

As entrevistas se organizaram em duas etapas. Na primeira, foi apresentada uma Narrativa Interativa (NI) conforme proposta de Granato e Aiello-Vaisberg (2013), a qual consiste numa história fictícia elaborada pelo pesquisador, de forma inacabada, em torno do tema que é objeto de sua pesquisa. O participante foi convidado a completar livremente a narrativa, dando-lhe um desfecho. Às crianças, foi apresentada sua versão gráfica, a Narrativa Interativa Gráfica (NIG), permitindo-lhes desenhar além da narração oral e/ou por escrito. Na segunda etapa, os participantes foram convidados a compartilhar livremente suas vivências familiares durante a pandemia de Covid-19, sem qualquer outro direcionamento para temas ou vivências específicas, assim preservando a expressão associativa dos participantes. Nos Apêndices A e B, apresentamos a NI e a NIG criadas para esta pesquisa, respectivamente.

Por meio de seu enredo e personagens, a NI e a NIG se constituem como rabisco inicial (Winnicott, 1984/2022), um ponto de partida oferecido pela pesquisadora que, desse modo brincante, convida o participante para o diálogo espontâneo. Como é próprio do método psicanalítico explorar os conteúdos que o participante traz espontaneamente num movimento de livre associação, não havia um roteiro pré-estabelecido de perguntas. Após cada encontro, como contraparte associativa da pesquisadora, foi realizado o Registro Associativo Inicial (RAI), no qual a pesquisadora fazia anotações, de memória, dados, informações, falas, impressões e acontecimentos que lhe pareceram significativos para o tema de sua pesquisa. Pela própria natureza associativa do RAI, dispensamos a gravação das entrevistas.

Como primeira etapa de análise, o material narrativo coletado foi discutido com o grupo de pesquisa, coordenado pelo professor orientador e por seus alunos pós-graduandos, todos eles psicólogos com experiência clínica nos mais variados contextos da assistência à saúde. Esse compartilhamento visa à ampliação da produção de sentidos e ao refinamento de nossa compreensão, processo que subsidiou a confecção de uma Narrativa Transferencial (Aiello-Vaisberg et al., 2009) para cada encontro.

Como segunda etapa, o RAI, a NI, a NIG e a NT foram tomados para análise interpretativa visando compreender a experiência emocional de cada família, sob a ótica da psicanálise winnicottiana. A terceira etapa de análise teve o objetivo de tomar as vivências de cada família de modo coletivo, isto é, como conjunto de aspectos da experiência que as famílias viveram durante a pandemia de Covid-19. Esta etapa resulta na identificação de campos de sentido afetivo-emocional que sustentam as vivências e práticas familiares. Tais campos organizam-se como categorias dramáticas do viver, o que significa

que devem se constituir como emblemáticas do que os participantes, enquanto coletivo que passa por determinada experiência, estão vivendo em primeira pessoa (Politzer, 1928/2004).

Destacamos que a pesquisa de mestrado (Lucas, 2022) da qual deriva este estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob o parecer nº 4.397.292. Todos os participantes, adultos e crianças, consentiram e assentiram em participar da pesquisa, tendo sido assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, após a decisão de participar do estudo. Os nomes expostos neste material são fictícios, garantindo o anonimato dos participantes.

## Resultados e discussão

A análise interpretativa do material narrativo nos conduziu a dois campos de sentido afetivo-emocional e seus subcampos que expressam a dimensão inconsciente das vivências familiares durante a pandemia de Covid-19: o primeiro, *Invasões ambientais à família*, e seus subcampos *Medo, luto e adoecimento* e *Tudo junto e misturado*; e o segundo, *A família na linha de frente*, e seus subcampos *Unidos sobreviveremos* e *Desligando o piloto automático*. Ambos os campos serão detalhados e discutidos a seguir.

### ***Campo 1: Invasões ambientais à família***

O presente campo comunica como as famílias foram afetadas pela pandemia de Covid-19 e seus desdobramentos. Winnicott (1984/2022) ensina que o desenvolvimento emocional do indivíduo só se torna possível na presença de um ambiente que provê condições favoráveis. O ambiente familiar costuma ser o primeiro na provisão do cuidado físico, psicológico e social ao indivíduo, sendo constituído pelo desenvolvimento emocional de cada integrante e pela qualidade do contexto social em que vive.

É nesse sentido que pudemos compreender, pelos relatos dos participantes, que o contexto de crise instaurado pela pandemia de Covid-19 se configurou como ambiente invasivo, de múltiplas instabilidades que ameaçavam a integridade individual e familiar. Tais invasões ambientais foram organizadas em dois subcampos, que apresentamos a seguir.

### *Subcampo 1: Medo, luto e adoecimento*

Este subcampo apresenta os sentidos afetivo-emocionais que se constelaram em torno do medo de contrair a doença, o sofrimento decorrente do adoecimento físico e/ou psíquico, bem como o luto pelas vidas perdidas. Durante a entrevista com a participante Alessa, foi possível identificar a presença de sofrimento psíquico decorrente do medo da contaminação pelo vírus, corroborando os achados de Ornell et al. (2020): “Cheguei a ficar descompensada”, disse com tom de voz alto e firme, referindo-se ao “cansaço mental” de tanta exigência que colocou para si e para a família, movida pelo medo. “Ninguém sai de casa, somente eu”, explicando que quando o marido precisa ir ao trabalho “é um estresse danado e uma tensão”. Alessa descreveu o ritual de tarefas que impõe ao marido quando ele precisa sair de casa: usar máscara, álcool em gel e, quando retorna, tirar os sapatos, toda a roupa e tomar banho. Ela enfatizou que sair de casa tem sido o seu maior desafio nessa pandemia.

O temor da contaminação e a morte dos seus entes queridos fez com que Alessa se colocasse na linha de frente, conduta que coloca em evidência a fantasia de que a mãe, diante do medo da contaminação dos membros de sua família, se ocupa de todas as atividades domésticas, profissionais e familiares para cuidar e proteger sua família do coronavírus (Aiello-Vaisberg et al., 2020). O modo como Alessa completou a NI revelou a intensidade do medo de contaminação, que ativou estratégias defensivas:

Ficaremos impossibilitados de sair às ruas sem uma justificativa. As saídas serão permitidas de acordo com o número de identidade da população, os com final de 0 a 2 às segundas, os de final 3 e 4 às terças, os de final 5 e 6 às quartas, os de final 7 e 8 às quintas e os de final 9 às sextas. Matias, o pai, indaga sobre os motivos dessa decisão tão drástica. Para a proteção da vida, será necessária uma medida mais rígida. (NI, Alessa)

A condição de sofrimento psíquico familiar decorrente do medo, adoecimento e luto está presente no relato que acompanha a NIG de Ava, que apresenta uma família desolada pelo poder do vírus, trazendo à tona a fragilidade da condição humana:

A família recebeu a notícia de que um médico profissional, chamado Píffio, havia morrido de Covid-19. A mãe ficou muito assustada

e triste, e contou a notícia para o marido, assim que ele voltou da padaria. As crianças estavam também assustadas. (Ava, 8 anos)

O sofrimento psíquico infantil engendrado pelo medo da contaminação pelo coronavírus e suas consequências, constatado pelos estudos de Zengin et al. (2021) e Wang et al. (2020), em termos de aumento dos níveis de ansiedade, também foi referido pelos participantes da presente pesquisa. Daria revelou que, durante os meses de pandemia, notou a filha mais triste e chorando sem razão aparente. Ela e o marido imaginaram que Daiane estava se sentindo sozinha e decidiram presenteá-la com uma gatinha de estimação que, segundo a mãe, ocupou o lugar de uma irmãzinha.

Entretanto, sem restringir o sofrimento psíquico aos filhos, Fátima contou que, além da adaptação da rotina familiar imposta pelo isolamento social, sua família também passou por uma “crise psicológica importante”, e o medo do adoecimento pelo vírus assolou a todos, principalmente a filha Flávia. Naquele momento da entrevista, Fátima se voltou para a filha e perguntou se ela gostaria de contar o que havia sentido. Flávia concordou rapidamente e disse que, por um bom tempo, “sentia dores no estômago”, colocando a mão na barriga para mostrar onde localizava a dor, concluindo: “Agora eu já estou melhor, sem dor, mas ainda tenho medo de pegar o vírus”. Fátima acrescentou vômitos e crises de ansiedade ao relato da filha, sintomas que, na falta de razão orgânica, os levaram a buscar ajuda psicológica para toda a família.

### ***Subcampo 2: Tudo junto e misturado***

Este subcampo comunica os sentimentos conflitantes que emergiram do confinamento familiar imposto e da consequente sobrecarga de tarefas. Os relatos maternos revelaram principalmente as encruzilhadas vividas devido ao aumento do tempo compartilhado, às alterações significativas da rotina familiar e a sobreposição de tarefas domésticas, profissionais e de cuidado com os filhos. A interrupção abrupta que a pandemia provocou na vida das famílias, sobretudo a instauração do *home office* (Savić, 2020) e da escola *online*, não permitiu que houvesse o preparo gradual necessário para mudanças dessa monta. Como estávamos vivendo uma emergência sanitária, cada um se ajustou como pôde, muito embora sempre distante da desejada conciliação entre vida pessoal, familiar, social e profissional.

Em sua NI, Elisa expressa o sofrimento de uma mãe que, ao se deparar com o isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, se viu tomada pelo desespero devido ao acúmulo de múltiplas tarefas, colocando em evidência

o conflito mulher-mãe, resultado da pressão social e dificuldade no desempenho simultâneo dos papéis profissional e pessoal (Lemos et al., 2020). Cumpre aqui ratificar que a nova dinâmica familiar que se instaurava durante a pandemia delegando à mãe a responsabilidade principal sobre o cuidado dos filhos e as tarefas domésticas (Dorna, 2021; J. M. S. Silva et al., 2020) era tudo menos nova, na medida em que denunciava a desigualdade de gênero no âmbito da parentalidade que jamais deixou de existir entre nós. Nas palavras de Elisa:

O Governador decretou mais dois meses de confinamento. A Letícia [mãe] ficou desesperada, pois teria que continuar agregando as tarefas do lar, o cuidado integral das crianças e as atividades do trabalho. As aulas *online* demandam dos pais que gerenciem os horários, as pausas e as tarefas gravadas e envio dos deveres de casa nas plataformas da escola. Além disso, tem que preparar a alimentação com ajuda do esposo, atender todas as demandas do trabalho, bem como participar de diversas reuniões e entrega de relatórios. O pai também segue a mesma rotina. Porém, em especial no cuidado com o filho menor, a mãe fica mais sobrecarregada. (NI, Elisa)

Também a entrevista com Betina evidenciou a diferenciação entre trabalho produtivo e reprodutivo em termos da persistente hierarquia de gênero, que atribui à mulher os cuidados reprodutivos, não remunerados em sociedades patriarcais, enquanto o homem se responsabiliza pela provisão do lar (Federici, 2021). Betina descreve uma rotina intensa que se estende da manhã até a noite:

Acordo, cuido da bebê, cuido das outras crianças, começo o trabalho. Tenho que entreter as crianças no meio disso tudo. No horário do almoço, preparo a comida e, ao mesmo tempo, vou arrumando a bagunça das crianças. Dou de mamar e, à noite, escuto um curso *online* pelo celular enquanto estou preparando a janta e cuidando das crianças, pois preciso estar sempre atualizada, por conta do meu trabalho. (Betina)

Quando questionada sobre o lugar de seu marido na nova dinâmica familiar, Betina responde: “Ele está no celular o dia inteiro, trabalhando”.

Fátima é outra participante que refere, em sua NI, a sobrecarga física e emocional materna, contrastando sua situação à do marido, que consegue relaxar

apesar das preocupações. Para Fátima, o prazer de desfrutar da companhia dos filhos e do marido segue como possibilidade para um futuro ainda distante:

A mãe curtia poder ficar mais em casa com os filhos e esposo, mas estava extremamente preocupada com a empresa e os negócios... e com Marcelo que estava antissocial, pois passara mais da metade da vida em casa. O pai se preocupava, mas aproveitou mais o tempo para curtir mais a casa, os filhos e a esposa. (NI, Fátima)

Em contrapartida, Fátima reconhece que a experiência do viver “junto e misturado” por tempo indeterminado permitiu que experimentasse uma forma de maternar que lhe era desconhecida até então. Isso fez com que desse um outro rumo à sua vida profissional para incluir uma dedicação maior aos filhos. Duas semanas antes da entrevista, vendeu sua parte da empresa e, no momento, o seu tempo estava inteiramente dedicado à casa e aos filhos. Fátima disse que pretendia voltar a trabalhar, porém não mais em período integral nem com tantas responsabilidades, como fora desde que começou a vida profissional. Além disso, transferiu os filhos do período escolar integral para o parcial, pois desejava participar mais ativamente de suas vidas. Segundo ela, não teria sido possível viver essa nova experiência se não fosse a “crise do isolamento social” e o intenso convívio familiar que gerou. A crise se converteu em oportunidade para várias descobertas sobre si mesma: o gosto de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Concluiu que esse era seu modo de cuidar de si mesma.

Concluimos a reflexão do campo *Invasões ambientais à família* entendendo que os conflitos vividos pelas famílias não englobam apenas aqueles decorrentes da contaminação pelo vírus, tais como o medo, o adoecimento físico e psíquico e a morte, mas também aqueles que foram desencadeados pelas alterações sociais necessárias. Destacamos que a pandemia de Covid-19 configurou um cenário de múltiplas invasões ambientais nas figuras da imprevisibilidade, do desamparo e da sobrecarga emocional, desafiando as famílias para a criação de novas dinâmicas relacionais.

### ***Campo 2: A família na linha de frente***

Neste campo, é apresentada a contrapartida familiar à situação de crise instalada pela pandemia de Covid-19. Pudemos observar que, ao se perceberem ameaçadas, as famílias mobilizaram recursos a fim de garantir sua sobrevivência física e emocional e recuperar o sentimento de continuidade de ser. Assim, este campo será apresentado em seus dois subcampos.

### *Subcampo 1: Unidos sobreviveremos*

Este subcampo traduz os sentidos afetivo-emocionais que giram em torno da crença de que a união familiar e o fortalecimento dos vínculos familiares são as melhores estratégias para enfrentar a crise e garantir a sobrevivência da família. Podemos constatar que o ideal da família unida é potente para instaurar sentimentos de confiança e segurança e remediar, ainda que imaginativamente, as intrusões ambientais que ameaçam a integridade do *self*. A NI da participante Alessa ilustra a crença de que a família unida na batalha contra o vírus é uma estratégia segura para garantir a sua sobrevivência: “A família fica reunida na sala, pensativa sobre os novos tempos e com a certeza de que unidos, seguindo as medidas de higiene, distanciamento, usando máscara e aguardando a ciência, tudo voltará a ficar bem” (NI, Alessa). Elisa, seu marido e a filha Elena passaram a registrar diariamente num caderno familiar os motivos pelos quais se sentiam gratos. Essa iniciativa se mostrou útil como forma de encontrar sentido e resgatar a esperança diante de um cenário pandêmico, na medida em que permite que explorem novos sentidos para suas vivências numa narrativa com potencial elaborativo (Granato et al., 2011), cuja realidade se mostrava tão trágica quanto duradoura.

Diante da imprevisibilidade ambiental causada pela pandemia de Covid-19 que assolou os núcleos familiares de diversas formas, todos os membros da família de Fátima iniciaram tratamento psicológico durante a pandemia, como já dissemos, quando perceberam sinais de adoecimento psicológico em Flávia, a filha mais velha. Ao identificarem o adoecimento de um dos seus membros como ameaça à integração emocional da família, organizaram-se para restaurar a unidade familiar oferecendo sustentação emocional ou *holding* (Winnicott, 1960/2023) ao grupo todo.

Na entrevista com a participante Betina e seus filhos, também ficou evidente que a estratégia *Unidos sobreviveremos* era amplamente utilizada como recurso de sobrevivência psíquica mesmo antes da pandemia. Betina explicou que a família era muito unida e que faziam tudo junto. Exemplificou que as crianças acompanharam a formação dos pais na faculdade de Direito, estiveram presentes na formatura, acompanharam os estudos para a OAB, a construção do escritório e participaram da celebração da aquisição da máquina de café para o escritório: “Sempre foi assim. As crianças até palpitam nos nossos casos de trabalho, pois elas nos veem trabalhando e escutam nossas reuniões com clientes e nossas conversas. Agora na pandemia, parece que o apego se intensificou”, ela conclui. Betina, então, sinalizou um risco dessa conduta familiar quando relata o fato de a família toda, inclusive o bebê, ter contraído Covid-19

numa consulta odontológica agendada para ela: “A gente faz tudo junto, sabe? Então, se um vai ao dentista, todo mundo vai junto. Até a bebê foi e a dentista aproveitou para ver a boquinha dela”. Aqui a estratégia familiar *Unidos sobreviveremos* parece se inscrever na ordem do fusional. O que poderia configurar um *holding* familiar satisfatório, que protege contra às ameaças ambientais se assemelha mais a uma estratégia defensiva, uma vez que expôs seus membros de maneira desnecessária à contaminação e ao adoecimento. Essa compreensão nos parece fundamentada na atitude negacionista de Betina quanto ao risco do adoecimento e morte, quando comemorou o fato de poderem passar os 15 dias de quarentena enclausurados em casa assistindo ao Netflix juntos.

### ***Subcampo 2: Desligando o piloto automático***

Este subcampo reúne os sentimentos e *insights* das famílias a respeito da interrupção da rotina pela necessidade de isolamento social. Os participantes demonstraram que tal interrupção foi oportuna para avaliar criticamente a organização pessoal e familiar em termos de suas necessidades, valores e possibilidades; refletir sobre os desafios que a pandemia impôs à família, reconhecendo as perdas e os ganhos durante o processo de adaptação à nova realidade; e, finalmente, explorar novos sentidos e novas possibilidades para o viver.

Alessa esclarece que viver no modo automático impedia sua família de desfrutar de experiências que, na pandemia, se revelaram significativas. Aquilo que parecia fundamental para o lazer e entretenimento familiar se revelou desnecessário, abrindo o caminho para outras possibilidades. Por exemplo, o fato de não poderem mais frequentar restaurantes ou realizar passeios possibilitou que atividades inéditas fossem exploradas, tais como prepararem, eles próprios, o almoço e o jantar juntos. Para Alessa, essas experiências trouxeram o “resgate do valor das pequenas coisas”, referindo-se ao privilégio de reforçar os vínculos familiares pela convivência estreita e prolongada.

Já Fátima precisou negociar consigo mesma antigas exigências que poderiam comprometer a integração da família naquela condição de crise:

Eu aprendi a conviver com as diferenças entre as pessoas da minha família e tudo bem o brinquedo ficar um tempo maior fora do lugar. Eu sinto que eu estou mais desacelerada e, se olho para trás, me pergunto como era possível viver aquela vida tão intensa. (Fátima)

Para Girlene e sua família, a intensa convivência os levou a criar atividades para aliviar o tédio, principalmente das crianças, que estavam privadas do

convívio social. Passaram a caminhar em família todos os dias, para poderem se exercitar e sair um pouco de casa. Esse ritual diário foi apelidado de “a caminhada da família” e permitiu uma aproximação da natureza e dos ritmos da vida, assim que foi desligado o piloto automático:

A gente começou a andar nas ruas do bairro, pois precisávamos sair um pouco. Acabou que a gente passou a ir todos os dias e se tornou quase um ritual, sabe?! A gente sempre faz o mesmo caminho e, pela frequência, as crianças começaram a reparar nas árvores do caminho e a nomeá-las de acordo com suas características... tinha a cacheadinha, a peladinha... Foi interessante, porque eles começaram a observar e perceber as diferenças entre as árvores e entre as estações do ano. Eles iam pelo caminho falando assim: daqui dez passos, vamos chegar na árvore tal... (Girlele)

Esses relatos nos convidam a refletir sobre as alternativas criativas que se abrem por ocasião de interrupções do viver que nem sempre se constituem como catastróficas, do ponto de vista do ser, mas ensejam crises produtivas. Para Winnicott (1971/2019), o viver criativo é inerente à natureza humana e depende de condições ambientais favoráveis para que possa se expressar. Vale ressaltar que, na perspectiva winnicottiana, criatividade nada tem a ver com expressão artística, mas com autenticidade, com possibilidades de ser e estar no mundo maximamente próximas do *self* verdadeiro (Winnicott, 1964/2021).

A NIG de Elena, 6 anos, retrata uma família que, tomada pelo medo da pandemia de Covid-19, é amparada por uma “mãe que distribuiu balões de coração e todos ficaram felizes”. Podemos compreender os balões, num primeiro nível de análise, como sua representação simbólica do cuidado e da proteção maternos.

Daiane permite compor com o desenho e a história da filha um quadro de inibição do viver criativo decorrente do sentimento de culpa que Daria carrega desde que sua filha Daiane sofreu um acidente doméstico, aos doze meses, pelo qual Daria se responsabiliza. Como as cirurgias decorrentes foram múltiplas, ao longo dos anos, Daria parece viver desde então numa prisão afetivo-emocional da qual não consegue se libertar e cujo impacto se fez sentir mais intensamente durante a pandemia, dado o isolamento social. Daria fez uso da entrevista para contar detalhes do acidente bem como para lamentar sua incapacidade de proteger, cuidar e desfrutar do convívio familiar. A participante expressou, diversas vezes, a falta que sentia da vida anterior, o que a nosso ver pode ser compreendido

como seu lamento pela perda dos espaços (trabalho e escola) onde podia se resguardar do sentimento excessivo de culpa.

Finalizamos as reflexões sobre esse campo concluindo que condutas criativas mobilizadas pelas famílias possibilitaram sua continuidade existencial e apontam para a saúde psíquica, proporcionada por um ambiente confiável que provê sustentação emocional. Já em ambientes cujas falhas são recorrentes, porque desproporcionais aos recursos psíquicos de cada um, há inibição do viver criativo e a impossibilidade de ressignificação do viver (Winnicott, 1971/2019), o que favorece a mera repetição.

## Conclusões

Concluimos que os desafios impostos pela pandemia de Covid-19 às famílias, tais como o medo, o luto e o adoecimento, bem como as adaptações às novas rotinas que culminaram na intensificação da convivência familiar, na sobrecarga de tarefas e sobreposição de funções, sobretudo para as mães, foram elementos potencialmente desorganizadores da vida familiar. Como nossas participantes informaram, para alguns, a pandemia foi vivida como oportunidade para desenvolver o viver criativo, enquanto, para outros, foi ocasião para o aprofundamento de fragilidades que comprometeu a ressignificação e a integração das novas experiências.

Estamos cientes de que o fato de as entrevistas com mães e filhos terem sido realizadas de maneira simultânea pode ter impactado na forma como os participantes se expressaram, afetando os resultados obtidos. Entretanto, como estávamos todos vivendo situações dramáticas, entendemos que a escolha pela entrevista conjunta, feita pelos próprios participantes, poderia estar refletindo tanto a nova condição de confinamento familiar quanto a necessidade de se manterem unidos como medida de autoproteção. Não ousamos sugerir a separação entre mães e filhos naquele momento de vulnerabilidade global.

Observamos que o foco narrativo recaiu sobre a figura da mãe, a qual assumiu o lugar de porta-voz da família, o que entendemos como o modo como as famílias entrevistadas se organizavam, sobretudo naquela situação de crise sanitária. Também é fato que, por pertencerem à classe média, as mães participantes tiveram o privilégio de optar pelo teletrabalho, bem como seus maridos, o que não alterou o fato de se sentirem sobrecarregadas com as demandas domésticas e profissionais.

## Referências

- Aching, M. C.; Granato, T. M. M. (2016). The good enough mother under social vulnerability conditions. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 15-24. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100003>
- Agência Brasil (2020). *Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Gallo-Belluzzo, S. R.; Visintin, C. (2020). Maternidade e sofrimento social em tempos de Covid-19: Estudo de mommy blogs. *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.356>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Machado, M. C. L.; Ayouch, T.; Caron, R.; Beaune, D. (2009). Les récits transférenciels comme presentation du vécu clinique: Une proposition methodologique. In: D. Beaune (Org.), *Psychanalyse, philosophie, art: Dialogues* (p. 39-52). L'Harmattan.
- Alcalá, L.; Gaskins, S.; Richland, L. E. (2021). A cultural lens on Yucatec Maya families' Covid-19 experiences. *Child Development*, 92(5), e851-e865. <https://doi.org/10.1111/cdev.13657>
- Brooks, S. K.; Webster, R. K.; Smith, L. E.; Woodland, L.; Wessely, S.; Greenberg, N.; Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395(10227), 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Carias, A. R.; Ribeiro, L. J.; Bonfatti, S. C.; Mozardo, M. L. S. G.; Alves, R. G. S.; Visintin, C. D. N.; Granato, T. M. M. (2021). Sofrimento de mulheres em situação de vulnerabilidade durante a pandemia de Covid-19. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 23(1), 209-222. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1352718>
- Clark, S.; McGrane, A.; Boyle, N.; Joksimovic, N.; Burke, L.; Rock, N.; O'Sullivan, K. (2021). 'You're a teacher you're a mother, you're a worker': Gender inequality during Covid-19 in Ireland. *Gender, Work & Organization*, 28(4), 1352-1362. <https://doi.org/10.1111/gwao.12611>
- Cullen, W.; Gulati, G.; Kelly, B. D. (2020). Mental health in the Covid-19 pandemic. *QJM*, 113(5), 311-312. <https://doi.org/10.1093/qjmed/hcaa110>
- Cusinato, M.; Iannattone, S.; Spoto, A.; Poli, M.; Moretti, C.; Gatta, M.; Miscioscia, M. (2020). Stress, resilience, and well-being in Italian children and their parents during the Covid-19 pandemic. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(22), 2897. <https://doi.org/10.3390/ijerph17228297>

- Dorna, L. B. H. (2021). O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da Covid-19: Mudanças e permanências. *Laboreal*, 17(1). <https://doi.org/10.4000/laboreal.17860>
- Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo* (vol. 1). Boitempo.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes*. Penso.
- Fraudatario, M. C.; Zaccaria, R. (2020). Families and intimate relationships during Covid-19: Family networks of Neapolitan students. *Italian Sociological Review*, 10(35), 753-775. <https://doi.org/10.13136/isr.v10i3S.397>
- Granato, T. M. M.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100002>
- Granato, T. M. M.; Corbett, E.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 149-155. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100018>
- Herrmann, F. (2017). *Sobre os fundamentos da psicanálise: Quatro cursos e um preâmbulo*. Blucher.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2021). *Divulgados dados sobre impacto da pandemia na educação*. <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>
- Lemos, A. H. C.; Barbosa, A. O.; Monzato, P. P. (2020). Mulheres em home office durante a pandemia da Covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. *Revista de Administração de Empresas*, 60(6), 388-399. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>
- Lian, B.; Yoon, S.-Y. (2020). Burdens, resilience, and mutual support: A comparative study of families in China and South Korea amid the Covid-19 pandemic. *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3-4), 337-346. <https://www.jstor.org/stable/26976655>
- Lima, N. T.; Buss, P. M.; Paes-Sousa, R. (2020). A pandemia de Covid-19: Uma crise sanitária e humanitária. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(7), e00177020. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00177020>
- Lucas, R. A. (2022). *Narrativas de mães e filhos: Vivências familiares na pandemia de Covid-19* [dissertação de mestrado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/items/008fa6c5-739a-4cd1-a66b-46718bf0263d/full>
- Marmarosh, C. L.; Forsyth, D. R.; Strauss, B.; Burlingame, G. M. (2020). The psychology of the Covid-19 pandemic: A group-level perspective. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 24(3), 122-138. <https://doi.org/10.1037/gdn0000142>

- Ministério da Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (2021). *Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual*. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/camaras-tecnicas-e-comissoes/conep/legislacao/cartas-circulares/carta-circular-no-1-de-3-de-marco-de-2021.pdf/view>
- OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde (s.d.). *Histórico da emergência internacional de Covid-19*. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
- Ornell, F.; Schuch, J. B.; Sordi, A. O.; Kessler, F. H. P. (2020). 'Pandemic fear' and Covid-19: Mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
- Politzer, G. (1928/2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia: A psicologia e a psicanálise*. Unimep.
- Savić, D. (2020). Covid-19 and work from home: Digital transformation of the workforce. *The Grey Journal*, 16(2), 101-104. [https://dobrica.savic.ca/pubs/TGJ\\_V16\\_N2\\_Summer\\_2020\\_DS\\_article.pdf](https://dobrica.savic.ca/pubs/TGJ_V16_N2_Summer_2020_DS_article.pdf)
- Shibusawa, T.; Ishii, C.; Nakamura, S.; Tamura, T.; Watanabe, T. (2021). The Covid-19 pandemic and families in Japan. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 42(1), 58-69. <https://doi.org/10.1002/anzf.1438>
- Silva, I. M.; Lordello, S. R.; Schmidt, B.; Mietto, G. S. M. (2020). Brazilian families facing the Covid-19 outbreak. *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3-4), 324-336. <https://doi.org/10.3138/jcfs.51.3-4.008>
- Silva, J. M. S.; Cardoso, V. C.; Abreu, K. E.; Silva, L. S. (2020). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos*, 8(3), 149-161. <https://scispace.com/papers/a-feminizacao-do-cuidado-e-a-sobrecarga-da-mulher-mae-na-318lqty9zy>
- Stake, R. E. (2011). *Pesquisa qualitativa: Estudando como as coisas funcionam*. Penso.
- Visintin, C. D. N. (2021). *Encontros com o cuidado infantil e a maternidade* [tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Repositório Institucional PUC-Campinas. <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/4395>
- Wang, G.; Zhang, Y.; Zhao, J.; Zhang, J.; Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the Covid-19 outbreak. *The Lancet*, 395(10228), 945-947. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)
- Winnicott, D. W. (1960/2023). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: *Família e desenvolvimento individual* (p. 35-44). Ubu.
- Winnicott, D. W. (1962/2022). Os objetivos do tratamento analítico. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (p. 212-217). Ubu.
- Winnicott, D. W. (1964/2021). O conceito de falso self. In: *Tudo começa em casa* (p. 75-81). Ubu.
- Winnicott, D. W. (1971/2019). A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade* (p. 108-140). Ubu.

- Winnicott, D. W. (1984/2022). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso.
- Zengin, M.; Yayan, E. H.; Vicnelioğlu, E. (2021). The effects of the Covid-19 pandemic on children's lifestyles and anxiety levels. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 34(3), 236-242. <https://doi.org/10.1111/jcap.12316>

## Apêndice A

### Narrativa Interativa apresentada aos participantes adultos

Já se passaram algumas semanas desde que o governador decretou o isolamento social devido à pandemia de Covid-19. Rita e Matias estavam confinados em casa com os filhos Marcelo, Pedro e Letícia. Como não podiam sair, realizavam todas as tarefas cotidianas juntos, inclusive as escolares. Letícia e Pedro estavam tendo aulas online e sentindo muita saudade dos amigos da escola. Numa quinta-feira à tardinha, Pedro estava no meio de uma brincadeira cheia de gritos e correria pela casa enquanto Letícia tentava fazer a lição de casa e a mãe, com Marcelo no colo, respondia mensagens no celular. O pai, que parecia preocupado e andava para lá e para cá, resolveu ir até a padaria pegar o pão. De repente, a mãe aumenta o volume da TV e parece chocada com o que vê:

— Não acredito! Não é possível!

Nesse minuto, o pai entra pela porta, voltando da padaria. Quando vê a agitação da mãe e as caras dos filhos assustados, logo pergunta:

— O que foi? O que aconteceu?

Letícia responde...

## Apêndice B

### Narrativa Interativa Gráfica apresentada às crianças participantes



### **Disponibilidade de dados**

Os dados que sustentam os resultados deste estudo estão disponíveis mediante solicitação à autora correspondente Raquel Alves Lucas (raquelalves03@gmail.com), devido à indisponibilidade do material completo pelo link [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_CAMP-5\\_4d2db5cfffcd7b427cb03e3638521c9ea](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PUC_CAMP-5_4d2db5cfffcd7b427cb03e3638521c9ea)

### **Contribuição de cada autora para o artigo**

**Raquel Alves Lucas:** Idealização do estudo, desenho metodológico, aprovação ética, coleta e análise dos dados, interpretação e discussão dos resultados, redação, revisão crítica e aprovação da versão final do manuscrito.

**Tania Mara Marques Granato:** Idealização do estudo, desenho metodológico, aprovação ética, análise dos dados, interpretação e discussão dos resultados, orientação científica, revisão crítica e aprovação da versão final do manuscrito.

### **Agradecimentos e apoio**

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa e à Pontifícia Universidade Católica de Campinas pelo suporte científico.

### **Conflitos de interesses**

As autoras declaram não haver potencial conflito de interesse sobre o conteúdo do estudo.

### **Editora associada**

Isabela Machado da Silva.

### **Editora-chefe**

Jaqueline de Carvalho Rodrigues.

Recebido: 10 de abril de 2022  
Aceito: 17 de dezembro de 2025